

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A ARTE CRISTÃ: UMA PERSPECTIVA DE FRANCIS SCHAEFFER E H. R. ROOKMAAKER

Christian art: a perspective from Francis Schaeffer and H. R. Rookmaaker

Isaac Raphael Costa Rehem¹

RESUMO

A arte cristã é um tema que muito tem sido debatido dentro das igrejas na intenção de compreender os limites para esta área. Francis Schaeffer propõe uma visão bíblica da arte que ultrapasse os limites propostos apenas para a adoração. Hans Rookmaaker foi um defensor de que a arte não precisa de justificativa. Este artigo propõe uma análise da arte cristã na perspectiva destes dois autores na intenção de observar parâmetros para se avaliar a arte. Além disso, esta análise propõe alguns princípios que um artista deve compreender no desejo de se atuar dentro de uma cosmovisão cristã. É possível ainda observar algumas qualidades indispensáveis para um artista que pretenda ser relevante na cultura em que está inserido.

Palavras-chaves: Arte. Contemporânea. Cosmovisão. Bíblia.

ABSTRACT

Christian art is a topic that has been much debated within the churches to understand the limits of this area. Francis Schaeffer proposes a biblical view of art that goes beyond the limits proposed only for worship. Hans Rookmaaker was an advocate that art needs no justification. This article proposes an analysis of Christian art from the perspective of these two authors to observe parameters for evaluating art. This analysis also proposes some principles that an artist must understand in the desire to act within a Christian worldview. It is also possible to

¹ Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Graduado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal do Paraná (2007). Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada (2017). Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade Tecnológica do Paraná (2012). E-mail: Isaac.rehem@gmail.com.

observe some indispensable qualities for an artist who wants to be relevant in the culture in which he is inserted.

Keywords: Art. Contemporary. Worldview. Bible.

INTRODUÇÃO

Poucos teólogos abordaram com tanta clareza o tema de arte cristã como Francis Schaeffer e H. R. Rookmaaker. Este artigo pretende observar a análise feita por Schaeffer, especialmente a partir de *A arte e Bíblia*. Esta obra aborda a arte na bíblia e sua função em diversas citações bíblicas. A partir desta observação, busca-se a possibilidade de criar uma ponte com o tempo presente. Ambos os autores analisaram a forma como a arte foi sofrendo influencias filosóficas importantes e como contribuíram para o pensamento pós-moderno. Rookmaaker deixa isto muito claro na sua obra prima: *A arte moderna e a morte de uma cultura*.

Desde a reforma protestante e sobretudo influenciada pelos puritanos, a arte foi vista com certo desdém ou até mesmo como algo impuro. Diante deste afastamento, Rookmaaker observa como esta área foi entregue para ser totalmente influenciada pelas correntes filosóficas ao ponto de chegar no momento que se encontra hoje. Schaeffer partindo de um viés mais filosófico, faz observações também muito contundentes em *O Deus que intervém*. Embora a filosofia seja o primeiro estágio, ele considera a arte como o segundo estágio na linha do desespero.² Começando pelos impressionistas, os artistas não sabiam que estavam se rebelando contra conceitos clássicos e que seus trabalhos mudaram e expressaram uma nova mentalidade. Os resultados são vistos na sociedade e na cultura como reflexo destas mudanças que foram ocorrendo ao longo do tempo.

Rookmaaker expressa sua ideia acerca da arte de modo geral no livro *A arte não precisa de justificativa*. Sua ideia central é observar que a arte tem finalidade por si só na revelação da beleza e na produção criativa. Para ele as coisas têm valor pelo que são e não pela função que exercem. Deste modo, a arte embora não precise se justificar para ser arte, há pontos objetivos para se analisar uma obra de arte. Schaeffer propõe alguns pontos, tais como: excelência técnica, validade, conteúdo intelectual e integração entre conteúdo e o veículo. Rookmaaker propõe algumas qualidades para determinar a qualidade do artista: talento, inteligência, caráter e aplicação. Neste sentido, juntar as perspectivas possibilita um ponto de equilíbrio entre a liberdade artística com a responsabilidade do artista.

A arte cristã tem sido reduzida a uma metodologia de evangelismo, sucumbindo a uma visão limitada de cristianismo. Os autores propõem observar a arte cristã como um todo, com uma expressão maior e assim libertar o artista, assim como ao mesmo tempo dar a ele a responsabilidade de desenvolver o seu talento. Nesse sentido, o texto segue avaliando tais considerações acima destacadas.

² SCHAEFFER, Francis A. **O Deus que intervém**: o evangelho para o homem de hoje. Tradução de Fernando Korndorfer. Jaú: ABU, 1981, p. 37.

1. ARTE NA BÍBLIA

Afim de compreender o papel das artes na vida cristã, Francis Schaeffer busca uma nova perspectiva ao analisar o papel das artes nas Escrituras. Uma das maiores manifestações artísticas que se pode observar foi a escrita de Salmos. A escrita poética foi um estilo literário muito utilizado pelos escritores bíblicos. O estilo poético está impregnado na cultura judaica de tal modo que pode ser observado não somente nos livros poéticos, mas também em outras categorias de livros.

Pode-se observar por exemplo o cântico de Moisés descrito em Êxodo 15 ou o famoso cântico de Ana relatado em 1Samuel 2. Para Sicre, a interpretação de livros proféticos se dificulta em função da dificuldade na compreensão das circunstâncias históricas, culturais, políticas e econômicas. Entretanto, destaca-se que diversas profecias foram escritas em linguagem poética e este tipo de linguagem é muito mais densa e difícil de interpretar que a prosa. Na poesia hebraica, o principal recurso utilizado é o paralelismo, que pode ser sinônimo, antético, sintético, climático, emblemático ou ainda em forma mais complexa como o quiasmo.³

Gusso afirma que os hebreus eram um povo habilidoso na arte da poesia, música e dança. Em sua análise, cerca de um terço de todo o Antigo Testamento é poesia, reforçando a importância artística nas Escrituras. Contudo a manifestação artística não se resume a salmos e poesias.⁴

O trabalho de Francis Schaeffer em *A Arte e a Bíblia* é uma importante análise acerca da arte pela Bíblia. Nesta obra ele observa diversas outras formas de arte que fizeram parte da história de Israel desde o Antigo Testamento. Schaeffer observa que a partir dos dez mandamentos, algumas pessoas erroneamente acreditam que a arte é proibida nas Escrituras.

Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso [...] (Êx 20.4-5 – versão Almeida Revista e Atualizada).

Uma interpretação equivocada deste mandamento pode levar a uma conclusão que a Bíblia proibia esculturas e por consequência todo o tipo de arte. Contudo, a ênfase do texto, assim como pode ser visto em Levítico 26.1, está no prestar o culto, na adoração a uma escultura e não na arte em si. Portanto, a proibição bíblica está relacionada a idolatria e não na produção artística.

Rookmaaker complementa este pensamento afirmando que Deus não quer que a arte seja transformada em um deus, tornando a beleza como um alvo de adoração.⁵ Esse limiar entre fazer um ídolo ou uma forma de arte que confunde muitos cristãos. A arte tem um papel

³ SICRE, José Luis. **Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem**. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 137.

⁴ GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria: introdução fundamental e auxílio para interpretação**. Curitiba: ADSantos, 2012, p. 7.

⁵ ROOKMAAKER, H. R. **A arte não precisa de justificativa**. Tradução de Fernando Guarany. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 48.

importante na adoração, como pode ser verificado nas Escrituras, embora a produção de ídolos seja totalmente repudiada. Um ponto importante é que a arte não pode se tornar um deus e nem a beleza o objetivo último. Para Rookmaaker o estecismo seria dar a arte um lugar que ela não merece e isto pode-se tornar destrutivo.⁶

Schaeffer observa que a manifestação artística pode ser entendida como não proibitiva, mas além disso, em alguns casos até mesmo como ordenada por Deus. Um exemplo de ordenança foi o projeto do tabernáculo nos dias de Moisés. Para esta construção, Deus ordenou que Moisés utilizasse toda a forma de arte figurativa conhecida até então pelo homem. Moisés foi instruído a fazer tudo da forma como lhe foi apresentado, no modelo que lhe fora revelado no monte. Para Schaeffer, pode-se dizer que o arquiteto que elaborou o projeto do tabernáculo foi o próprio Deus e não um ser humano.⁷

Um outro exemplo intrigante, foram os querubins de ouro. A utilização de uma escultura de ouro não só foi autorizada, como utilizada para representar um ser celestial, de uma hoste angelical. Essa representação foi ordenada por Deus, numa manifestação artística figurativa. Ainda pode-se verificar o candelabro como uma representação da natureza, flores e objetos de beleza natural. De modo geral, toda a construção do tabernáculo pode ser admirada pela riqueza de detalhes artísticos ordenados por Deus. Estas ordenanças ocorriam não somente na construção do tabernáculo, observa-se que ainda havia uma quantidade significativa de detalhes em outros elementos, como por exemplo na concepção das roupas sacerdotais.

Posteriormente na construção do Templo, Davi entrega para Salomão as plantas que dariam origem a obra de construção. Davi afirma que entregou a seu filho tudo o que lhe veio à mente, mas complementando em 1Crônicas 28.19, as Escrituras demonstram que o projeto lhe foi entregue por escrito pelo próprio Deus.

O projeto arquitetônico era de extrema riqueza de detalhes que não compreendiam apenas propósitos estruturais, mas também objetos que aparentemente não teriam nenhuma função específica além de revelar beleza. Isto pode-se observar na utilização das pedras preciosas que tinham um papel apenas decorativo, assim como algumas colunas que tinham função sustentar romãs. Deste modo, a arte fora utilizada em meio a adoração, contudo não como objeto ou alvo de qualquer modo de idolatria. A construção do templo possuía detalhes externos tais como entalhamentos de leão, bois, flores e mais uma vez como uma representação artística. O autor do livro de Crônicas ainda destaca que Salomão também utilizou da arte para finalidades não religiosas, como na produção do seu trono.

Diante de observação cuidadosa destes eventos em que Moisés e Davi foram instruídos acerca da construção do lugar de habitação de Deus, conclui-se que a arte estava presente não apenas para uma manifestação do ser humano para Deus, mas presente para revelar beleza num lugar no qual Deus era cultuado.

As vezes passa despercebido, mas Jesus também fez referência a manifestações artísticas. Em João 3.14-15 Jesus afirma que da mesma forma como Moisés levantou a serpente no deserto, era necessário que Ele fosse levantado também. O evento citado ocorreu

⁶ ROOKMAAKER, 2010, p. 48.

⁷ SCHAEFFER, Francis A. **A arte e a Bíblia**. Tradução de Fernando Guarany. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 21.

quando Deus havia enviado serpentes venenosas que morderam o povo e muitos morreram. Diante da intercessão de Moisés, Deus ordenou que ele construísse uma serpente de ouro e a erguesse sobre uma haste. Assim, todo aquele que olhasse para a serpente de bronze viveria. Portanto, mais uma vez é possível observar na Bíblia não só a autorização, como a instrução de Deus para que fosse utilizada a arte figurativa. Entretanto, um ponto importante a se observar foi a destruição da serpente no reinado de Ezequias (2Rs 18.4). Ele quebrou a serpente não por ser uma obra de arte, mas pelo fato da idolatria que já havia dominado o coração do povo de Israel a tal ponto de que estavam queimando incenso para a serpente. Ela fora destruída não por causa da existência de arte figurativa, mas em função do uso incorreto ou pior ainda, por causa da idolatria que estava em questão.

O estudo de Schaeffer acerca das manifestações artísticas não se detém apenas na arte figurativa. Ele observa a poesia como citado anteriormente como uma das manifestações mais utilizada nas Escrituras. Não somente no livro de Salmos e não somente a Deus. Isto pode ser visto por exemplo no poema de Davi em homenagem a Saul e Jonatas como heróis nacionais. Neste sentido, Schaeffer analisa o livro de Cantares de Salomão, como outro exemplo de poemas seculares. Embora alguns interpretem como uma representação do amor de Cristo pela igreja, o fato é que Deus utilizou da ilustração do amor entre um homem e uma mulher para relacionar com o amor de Deus pelo seu povo. Isto pode ser libertador, porque pela análise de Schaeffer há ainda artistas que ficam receosos de expressar poeticamente seus sentimentos num relacionamento de homem e mulher. Este tipo de expressão ainda pode ser utilizado como uma manifestação de louvor a Deus. Sendo os dois cristãos, pode até ser uma doxologia consciente.⁸

Um ponto interessante destacado por Schaeffer é a demanda de uma rígida disciplina literária para se escrever uma poesia hebraica, provavelmente mais difícil que a poesia anglo-saxônica. O aspecto técnico do poeta hebreu e sua busca na excelência técnica, pode ser comparada aos artesãos que trabalhavam em estátuas de bronze, que trabalhavam com madeiras ou pedras preciosas até o ponto de conseguir expressar artisticamente com um trabalho tão acurado. Portanto, a busca pela excelência também é uma maneira de louvar a Deus.⁹

A música talvez seja a manifestação artística que ainda sobreviva ainda como uma arte explorada pelos cristãos da pós-modernidade. No contexto bíblico, uma das expressões mais significativas foi a canção que os hebreus entoaram ao serem resgatados do exército de faraó. Possivelmente liderados pela profetisa Miriã, milhares de pessoas reunidas cantaram uma antífona.¹⁰ No contexto do templo também é possível observar músicas sendo entoadas por levitas designados por Davi, e uma organização litúrgica dos quatro mil homens separados para isto (1Cr 23.5-6).

⁸ SCHAEFFER, 2010, p. 33.

⁹ SCHAEFFER, 2010, p. 34.

¹⁰ De acordo com o autor do Dicionário Michaelis, antífona é um versículo que se diz ou se entoa no princípio de um salmo ou canto religioso e que depois é repetido em coro. Conjunto de palavras ou versos que se repete ao final de cada estrofe de um poema ou canção; estribilho, refrão.

Nas Escrituras ainda é possível notar a dança como uma manifestação de arte. Em momentos de extrema alegria, como por exemplo Miriã (Êx 15.20) e Davi (2Sm 6.14). Inclusive o livro de Salmos encoraja o povo a louvar com danças, com tamborim e harpa (Sl 149.3).

2. ARTE COMO ARTE

Schaeffer buscava desenvolver uma perspectiva cristã sobre a arte em geral, ou seja, parâmetros pelos quais os cristãos deveriam observar a arte independente de ser de algum cristão ou não. Schaeffer elaborou algumas perspectivas que poderiam nortear a avaliação de qualquer obra de arte.

A primeira perspectiva é considerada por ele a mais importante de todas. Uma obra de arte tem valor em si mesma.¹¹ Assim, ela não precisa ser avaliada ou analisada pelo seu conteúdo intelectual, mas para serem apreciadas. Para o autor, por este mesmo motivo estavam as obras de arte no tabernáculo e no templo, pela sua beleza apenas. A arte é uma obra de criatividade do ser humano e isto tem seu valor simplesmente pelo fato de Deus ser o criador. Além disso, a arte revela que o homem como um ser a imagem e semelhança de Deus, é um ser dotado com esta capacidade criativa.

Neste aspecto, Rookmaaker também com partilhava e defendia que a arte não precisaria de uma justificativa.

Deus deu à humanidade a habilidade de fazer coisas belas: compor músicas, escrever poemas, produzir esculturas e decorar coisas. As possibilidades artísticas existem para serem percebidas e executadas por nós e para receberem uma forma concreta. Deus deu isso a humanidade e seu sentido está exatamente nesta doação. É algo dado por Deus que tem que ser feito por meio dele, ou seja, por meio dos talentos que ele dá, em obediência e em amor a ele e às pessoas. É assim que a arte é devolvida como oferta a Deus. Assim, a arte tem seu próprio significado como criação de Deus – ela não precisa de justificativa. Sua justificativa é ser uma possibilidade dada por Deus.¹²

Sob a ótica de Rookmaaker, a arte é algo necessário para a humanidade não carecendo de muita justificativa para sua elaboração. A arte é uma dádiva do criador, e esta é uma importante perspectiva para esta análise. Ela pode às vezes até passar sem a devida atenção, mas a arte cria a atmosfera na qual o ser humano vive. É possível absorver diversas mensagens embutidas nas manifestações artísticas, ainda que despercebidamente. Desta forma, a arte é uma influência na formação e no molde do pensamento do seu tempo.

Schaeffer alerta acerca de um ponto importante em questão de arte. Nem toda criação do ser humano é uma nobre expressão de arte, pois nem tudo é intelectualmente ou moralmente bom. Embora o ser humano tenha na sua humanidade a criatividade como característica intrínseca, ele foi afetado pelo pecado. Tanto o artista moderno como o artista cristão têm dificuldade para compreender a obra de arte como obra de arte. Isto porque as vezes descem a um nível irracional, em que a arte não pode ser analisada, entretanto nenhum

¹¹ SCHAEFFER, 2010, p. 46.

¹² ROOKMAAKER, 2010, p. 36.

artista desce ao nível de operar a arte pela arte. De modo geral haverá duas opções: ou a obra será feita a partir de uma cosmovisão cristã ou humanista.¹³ Schaeffer entende que todo artista demonstra através da obra de arte a sua cosmovisão. Nisto baseia-se a sua segunda perspectiva, de que as formas de arte fortalecem a cosmovisão, seja ela verdadeira ou falsa.¹⁴ Contudo, não significa que se deve aceitar automaticamente a cosmovisão. A cosmovisão apresentada por um artista deve ser julgada tanto quanto a sua habilidade artística.

Para este julgamento, Rookmaaker propõe que três valores fundamentais para se jogar uma obra de arte: conteúdo, significado e qualidade do entendimento da realidade que ela esteja associada.¹⁵ Schaeffer também aplica conceitos para quatro padrões de julgamento para uma obra de arte: excelência técnica, validade, conteúdo intelectual (a cosmovisão que está sendo comunicada) e a integração entre o conteúdo e o veículo.¹⁶

Observando a arte a partir da ótica da excelência técnica, pode-se distinguir e reconhecer a capacidade artística, ainda que não seja possível concordar com a cosmovisão do artista. Por falta deste entendimento, muitos cristãos têm se afastado e rejeitado artistas em função de não compreender este importante critério na análise da obra. Desta forma, a análise da obra precisa ser feita fazendo distinção entre excelência técnica e conteúdo. Um segundo critério adotado por Schaeffer é a análise da arte a partir de sua validade. Esse critério busca apontar a coerência entre o artista, sua cosmovisão e sua obra de arte. O ponto de tensão é justamente entre o que o artista crê e se sua arte é feita apenas para retorno financeiro ou mesmo para ter uma aceitação de um público específico. Para esta análise, fica clara a necessidade do critério do conteúdo. Esse terceiro critério é justamente analisar o conteúdo da arte, pois esta reflete a cosmovisão do artista.

A cosmovisão do artista, portanto, deve ser vista sob a ótica das Escrituras. Neste sentido, Schaeffer defende que alguns cristãos julgam que quanto maior a qualidade da arte, menor será a crítica a cosmovisão ou ao conteúdo, quando infelizmente deveria ser o contrário. Ele enquadra os artistas em quatro tipos de pessoas: o que nasce de novo e produz arte dentro de uma cosmovisão totalmente cristã, o não cristão que expressa sua cosmovisão não cristã, o que é pessoalmente não é cristão, embora sua arte sofra influência da cosmovisão cristã e um último grupo seria aquele que é cristão, nascido de novo, embora não consiga compreender claramente a cosmovisão cristã e diante disso, acaba incorporando aspectos de uma cosmovisão não-cristã. Para Schaeffer, este último é o mais triste de todos.¹⁷

O quarto ponto de julgamento da arte, por Schaeffer é com base na adequação da forma ao conteúdo. É a análise da correlação entre o estilo e o conteúdo, se a cosmovisão que está sendo representada se relaciona com o veículo. Neste sentido, há muitas dúvidas se a cosmovisão é adequada ao tipo de veículo de comunicação. Embora haja uma distinção entre

¹³ SCHAEFFER, 2010, p. 45.

¹⁴ SCHAEFFER, 2010, p. 49.

¹⁵ ROOKMAAKER, 2010, p. 51.

¹⁶ SCHAEFFER, 2010, p. 53-60.

¹⁷ SCHAEFFER, 2010, p. 58.

mensagem e linguagem, pela ótica de Schaeffer a linguagem deve ser adequada a mensagem que se deseja transmitir, embora nenhuma obra deva ser julgada apenas por este critério.¹⁸

Rookmaaker ainda levanta padrões de julgamento não só da arte, mas do artista também. Para ele, quatro qualidades determinam a importância do artista: talento, inteligência, caráter e aplicação que serão avaliados em outro capítulo. De qualquer modo, ambos percebiam que havia parâmetros objetivos que permite avaliação de uma arte.¹⁹

Baseado no texto de Mateus 15.11, em que Jesus afirma que o contamina o ser humano é o que sai e não o que entra, Rookmaaker conclui ser um absurdo um cristão não poder ouvir algum determinado tipo de música. Para ele o ambiente é criado pelo que sai do ser humano e não pelo que entra. Sua argumentação é baseada de que assim não é possível compreender os contemporâneos. Sob a perspectiva artística, é fácil concordar com este ponto de vista, contudo cabe uma análise das próprias afirmativas do autor que a arte nunca é neutra.²⁰

A arte sempre é carregada de uma mensagem do criador. Sempre haverá a questão do conteúdo e significado. Sendo assim, é questionável se um cristão deveria estar ouvindo músicas que fossem objetivamente contra princípios cristãos, ou ainda que fossem compostas como uma expressão de adoração a outros deuses. Na música brasileira é muito comum utilizar de expressões de cultos sincretistas e invocação de entidades cultuadas em seitas. O ponto de contato com a sociedade é de extrema importância para os cristãos, entretanto, é importante buscar compreender o limite que não levará a uma idolatria. Influenciar a época ou ser influenciado pela arte é um dilema a ser enfrentado racionalmente pelo cristão.

3. ARTE E COSMOVISÃO CRISTÃ

Desenvolvendo o conceito que a arte não precisa de justificativa, Schaeffer sugere que os cristãos precisam iniciar os seus trabalhos de arte, pensando em fazer uma obra de arte acima de qualquer outro entendimento. Isto seria a valorização da criatividade. A criatividade é, portanto, um ponto de valorização de Deus, o criador.²¹

O conceito de arte cristã muitas vezes tem sido limitado a arte que possa ser executada, admirada ou utilizada para fins eclesiológicos. Essa visão limitada é combatida pelos autores. Rookmaaker reflete que como cristãos “quer durmamos, quer comamos ou trabalhamos, fazemos como filhos de Deus”.²² Portanto, o cristianismo não pode ser resumido a atos religiosos ou momentos piedosos. O propósito da vida não se resume a evangelismo, mas a busca do reino de Deus.

Schaeffer defende que a arte cristã dos dias atuais precisa ser arte que seja coerente com o século atual. A arte precisa mudar, assim como a linguagem muda. A pregação precisa ser feita em uma linguagem de comunicação atual, assim como a arte. Caso contrário, ela rapidamente haverá um obstáculo que a impedirá de ser ouvida. Para Schaeffer, essa variação

¹⁸ SCHAEFFER, 2010, p. 58-60.

¹⁹ ROOKMAAKER, 2010, p. 70-75.

²⁰ ROOKMAAKER, 2010, p. 51.

²¹ SCHAEFFER, 2010, p. 45.

²² SCHAEFFER, 2010, p. 38.

ocorre inclusive de país para país. Não se deveria apenas importar arte, mas produzir na própria cultura. Na área musical cristã observa-se muito este fator. Muita música não tem sido produzida respeitando os aspectos e influências musicais brasileiras. Cada vez mais os artistas cristãos apenas traduzem músicas de artistas estrangeiros. Ainda que componham muitas vezes tendem mais a acompanhar o estilo musical e importar tornando a arte pobre na sua beleza estética.²³

No entanto, não existe um estilo de música bom ou mau, cristão e não cristão. Infelizmente alguns ainda defendem que a música cristã deve ser aquela que respeita mais um estilo dos séculos passados em função de uma tradição. Entretanto, cabe destacar que estilos em si são desenvolvidos como sistemas simbólicos de cosmovisões e mensagens. Portanto, mesmo utilizando estilos do século atual é preciso ter o cuidado de não ser dominado pela cosmovisão que o originou.

O cristianismo não é série de mensagens religiosas intelectualizadas, mas uma mensagem que atinge o ser humano como um todo. Não é possível pregar o cristianismo sem conteúdo. Assim, o feedback é muito importante. Se a mensagem foi comunicada, mas não houve entendimento é preciso ser revista a forma de comunicar. Para ele a forma pode enfraquecer ou fortalecer o conteúdo. Sendo assim, mesmo que sejam adotadas técnicas contemporâneas, o artista cristão deve buscar o Espírito Santo para que o ajude a criar sem comprometer a mensagem do cristianismo.

Contudo, o cristianismo não pode ser um complemento a vida cotidiana. Schaeffer afirma que o cristianismo abrange todas as áreas da vida. Cultura e educação não podem ser vistas como neutras, mas como algo como parte importante e debaixo de uma cosmovisão cristã. A mensagem de um artista ou um professor devem ser julgadas e baseadas nas verdades e absolutos morais bíblicos.²⁴

A arte nem sempre retrata a realidade, e ainda que este seja o objetivo, será apenas um retrato da interpretação do artista sobre o mundo. A arte retrata a imaginação humana, algo metafísico e, portanto, pode ser considerada como algo espiritual.

Schaeffer entende que a cosmovisão cristã pode ser dividida em dois temas: tema maior e tema menor. O tema menor está associado a imperfeição do mundo. Este tema se subdivide entre aquelas que se rebelaram contra Deus e assim permanecem. O outro grupo é aquele que possuem uma vida cristã piedosa, entretanto, ainda possui um lado de fracasso e pecado. Uma vida restaurada, entretanto, que ainda possui seus desafios enquanto caminha para rumo a perfeição em Cristo.²⁵

O tema maior diz respeito a plenitude e propósito na vida. Na área da metafísica, do ser e da existência, Deus existe e Deus intervém. Isto fica ainda mais claro na obra *O Deus que intervém*. O ser humano foi criado a imagem e semelhança de Deus e por isso, possui significância. Ele foi criado na existência do Deus infinito e pessoal que possui um caráter e que rege o universo. O cristianismo, portanto, oferece uma solução moral partindo do

²³ SCHAEFFER, 2010, p. 63.

²⁴ SCHAEFFER, 1981, p. 248.

²⁵ SCHAEFFER, 2010, p. 68.

absoluto moral de Deus. O próprio Deus tem um caráter que reflete na lei moral do universo. Diante disto, uma pessoa quando aproximasse de Deus com este entendimento, ele tem uma base não só para o sentimento de culpa para a realidade da culpa. O ser humano vive a tensão de ser finito e pecador culpado diante de um Deus santo e infinito. A cosmovisão cristã apresenta a única solução para este dilema por meio da vida, morte e ressurreição de Cristo. O homem caído só é redimido por meio dessa graça do amor divino.

Dentro dessa perspectiva, a arte cristã deve abordar tanto o tema menor quanto o tema maior. No aspecto do tema menor, ela deve admitir que a vida é feita de desafios e lutas. Se abordar apenas o tema maior ela não refletirá a realidade, mas uma versão romantizada da vida cristã. Neste sentido, a arte moderna tende a enfatizar apenas o tema menor. Um ar de melancolia, derrota e desespero toma conta do artista contemporâneo, tornando-o um pessimista. Para Rookmaaker, um dos desafios da vida do artista cristão é justamente viver neste mundo pós-cristão.²⁶

A base da cosmovisão cristã é a lei do amor em um mundo cheio de destruição e ódio. O artista cristão precisa achar um equilíbrio de relatar o tema menor, mas sem perder a esperança de Cristo e da sua redenção. Concentrar-se na imperfeição do mundo pode levar o artista a esquecer a lei do amor. Em suma, o artista precisa através do tema menor apresentar o tema maior.

Entretanto, a arte cristã, não é religiosa, mas uma arte que lida com temas religiosos. Partindo da perspectiva da criação, a natureza está imersa na arte divina, sem que houvesse qualquer referência a religiosidade. A Bíblia mesmo revela a manifestação artística fora do contexto religioso, sendo apenas uma referência para revelação da beleza. Esta noção é importante para que o artista perceba que o cristianismo não está comprometido apenas com a salvação do homem. A mensagem cristã parte da existência eterna de Deus e da criação, e não limitado ao plano de salvação. O fato do ser humano ser criado a imagem e semelhança de Deus é um tema importante. Trazer o verdadeiro valor ao ser humano, para o indivíduo, faz parte da cosmovisão cristã e da manifestação artística.

Diante disto, a arte cristã é a representação da vida integral de uma pessoa, representando a totalidade da vida. Ela não ser vista apenas como um veículo de evangelismo. O artista cristão é livre e deve usar sua liberdade para utilizar a sua imaginação. Ele não deve ser restringir a temas religiosos, até porque temas religiosos podem ser mesclados. Ele deve usar a sua liberdade sobre a direção do Espírito Santo. Nenhuma obra de arte é mais importante que a vida do próprio cristão e assim a vida deve ser a própria obra de arte.

Relacionando vida e arte, muito tem se elaborado acerca da vida que há por trás da produção artística. O artista revela não somente através da sua arte, mas através da sua própria vida a cosmovisão que ele carrega. Rookmaaker propõe algumas qualidades²⁷ (descritas na sequência) que podem determinar o escopo, a profundidade e a importância de qualquer artista.

²⁶ ROOKMAAKER, 2010, p. 9.

²⁷ ROOKMAAKER, 2010, p. 70.

A qualidade primordial é o talento, considerando isto como um potencial que o indivíduo utiliza ou não com responsabilidade. Sem talento não se pode associar relevância a um artista. Esta é justamente a base para o desenvolvimento da arte. Mas, assim como na parábola narrada por Jesus, cabe ao artista desenvolver ou enterrar o seu talento.

Diante da iniciativa em desenvolver o seu talento, o artista precisa de uma segunda qualidade, que seria a inteligência. Utilizar a inteligência para analisar qual a melhor forma de desenvolver a sua arte. Infelizmente alguns artistas muito talentosos pecam na forma de empregar e comunicar a sua arte. Um dos aspectos relevantes é a leitura da cultura em que está inserido afim de compreender qual a forma que aquela geração consegue absorver uma determinada mensagem.

Um ponto de falha para muitos artistas é a questão do caráter. Algumas vezes a própria arte é comprometida pela falha de caráter. Muitos artistas a fim de ter seu nome reconhecido e sua arte aceita, submete-se a regras e desejos mercadológicos. Artistas que começaram sua carreira com obras surpreendentes, as vezes definham na expectativa de criar popularidade com seus trabalhos. Popularidade e aceitação por diversas vezes está também associado a busca pelo lucro, o que acaba corrompendo o coração do artista.

O talento, a inteligência e o caráter precisam estar associados a aplicação. A obra de arte não surge como algo instantâneo e muito menos por obra do acaso. Necessita de empenho e aplicação para que o talento seja desenvolvido. Muitos artistas se viam muito limitados tecnicamente no início do seu desenvolvimento e depois de muita aplicação desenvolveram seu talento a tal ponto de poder ser reconhecido e colocado seu nome na história. Até as improvisações e atos espontâneos surgem de um trabalho árduo e aplicado. Isto pode-se notar com clareza na vida dos músicos que necessitam de horas dedicadas a seus instrumentos e no desenvolvimento de suas habilidades.

(...) enquanto cristãos, não basta só conhecer a cosmovisão correta, a cosmovisão que nos diz a verdade sobre o que existe, mas também agir conscientemente de acordo com aquela visão de modo a influenciar a sociedade o máximo que pudermos em todas as suas áreas e aspectos por toda a vida, na total extensão dos nossos dons individuais e coletivos.²⁸

O artista é dotado de liberdade, personalidade, mas também de responsabilidade. Ele precisa compreender suas habilidades e limitações e a partir de uma visão bíblica desenvolver o talento que lhe foi confiado por Deus. Desenvolver um caminho da verdade em que possa expressar os seus sentimentos de forma a publicar uma cosmovisão cristã e assim ser relevante no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão de Francis Schaeffer acerca da arte figurativa nas Escrituras, abre uma possibilidade de observação e comparação com a arte presente nos dias atuais. Sob essa

²⁸ SCHAEFFER, Francis A. **Como viveremos?** Tradução de Gabriele Greggersen. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 194.

perspectiva, atentar para os registros artísticos impressos na Bíblia abre novos caminhos para uma melhor compreensão do papel do artista na sociedade.

Observa-se uma fileira de artistas cristãos preocupados e confusos sem saber se podem utilizar seus dons e talentos artísticos no mesmo contexto em que fora utilizado no tabernáculo e no templo. Utilizar a arte apenas para revelar beleza. O ambiente da comunidade eclesial pode gerar um ambiente em que a arte possa estar ali apenas para manifestar a arte, e isso indo além da questão musical. O artista cristão muitas vezes vive nessa tensão entre o sagrado e o profano e por fim acaba por enterrar o seu talento com receio de que esteja indo além do que possa ser permitido.

Os critérios propostos por Schaeffer e Rookmaaker para avaliação de uma obra artística numa perspectiva cristã auxiliam o artista cristão a revisitar suas obras e ter parâmetros para julgar sua própria obra, assim como suas influências e até mesmo suas atitudes como artista.

A arte do século XXI tem evoluído em conjunto com as diversas mudanças da sociedade, incluindo as inovações tecnológicas. Hoje há cristãos que desejam expressar sua arte como nas manifestações mais clássicas, mas há também diversos interessados na produção nas mais variadas plataformas digitais com a utilização de recursos tecnológicos de edição de som e imagem. Como apontado pelos autores, o desafio do artista cristão é justamente ajustar o conteúdo da sua mensagem a forma em que vai transmiti-la para que ela possa ser ouvida no seu tempo, imprimindo marcas da sua cultura.

Sendo assim, as análises de Schaeffer e Rookmaaker são libertadoras, mas ao mesmo tempo desafiadoras. Os autores encorajam os artistas a compreender melhor a importância de suas obras e a influência que elas podem causar nas mais diversas esferas da sociedade. Deste modo, destaca-se ainda mais a relevância da arte como uma possibilidade de expressão de uma cosmovisão cristã.

O artista, assim como em qualquer profissão, precisa compreender a integralidade do ser. Não se pode desassociar o artista da produção artística. Portanto, em última análise a arte está sendo a expressão do ser e sua cosmovisão para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Guilherme de. **Raízes Espirituais da Arte Moderna**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NfOiAuEcbU&list=PLGwIMYcY85qZ0BTFOh5BJeP2nhXML6A65&index=12>> Acesso em 31 jul. 2018.

GASQUE, Laurel. **Rookmaaker – arte e mente cristã**. Tradução de Fernando Guarany Junior. Viçosa: Ultimato, 2012.

GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria: introdução fundamental e auxílio para interpretação**. Curitiba: ADSantos, 2017.

ROOKMAAKER, H. R. **A arte moderna e a morte de uma cultura**. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2015.

ROOKMAAKER, H. R. **A arte não precisa de justificativa**. Tradução de Fernando Guarany. Viçosa: Ultimato, 2010.

SCHAEFFER, Francis A. **A arte e a Bíblia**. Tradução de Fernando Guarany. Viçosa: Ultimato, 2010.

SCHAEFFER, Francis A. **A morte da razão**. São Paulo: Fiel, 1974.

SCHAEFFER, Francis A. **A verdadeira espiritualidade**. São Paulo: Fiel, 1993.

SCHAEFFER, Francis A. **Como viveremos?** Tradução de Gabriele Gregersen. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 194.

SCHAEFFER, Francis A. **O Deus que intervém**: o evangelho para o homem de hoje. Tradução de Fernando Korndorfer. Jaú: ABU, 1981.

SICRE, José Luis. **Profetismo em Israel**: o profeta, os profetas, a mensagem. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.